

Nomadismos e narrativas para pensar a formação docente em Artes Visuais

Aline Nunes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS

RESUMO

Este artigo configura-se enquanto possibilidade de reflexão acerca da formação do docente de Artes Visuais na contemporaneidade. Para tanto, traz uma problematização que se deriva de minha experiência como professora de um curso de Licenciatura em Artes Visuais, de uma IES pública no Sul do Brasil. Entendendo a formação docente em Artes Visuais enquanto territorialidade relacional, conformada por múltiplos acessos de entrada, isto é, por contaminações e hibridismos inerentes a outros campos de conhecimento, proponho pensar a formação docente em Artes Visuais a partir dos agenciamentos entre o campo da arte em suas interfaces com diferentes saberes e referenciais. Assim, no decorrer do semestre letivo em questão, foi possível conhecer alguns dos processos realizados pelos discentes, por meio da elaboração de cartografias e da produção de narrativas autobiográficas (CONNELLY e CLANDININ, 1995), as quais trouxeram à tona parte dos caminhos já vivenciados ao longo do curso, bem como elucidando acontecimentos fundamentais para a construção de seus modos de ser, experienciar e ver a docência em Artes Visuais.

Palavras-chave: formação docente em Artes Visuais; aprendizagem nômade; abordagem narrativa.

Notas introdutórias

Pensar a formação docente em artes visuais a partir do meio e a partir daquilo que brota no entre da sala de aula é o que move esta escrita. Deste modo, as reflexões construídas aqui, se derivam daquilo que foi sentido e pensado durante um semestre letivo no qual, enquanto professora, estive imersa em diferentes conteúdos do campo das artes visuais, buscando realizar processos de aprendizagem na área de ensino, concomitantemente a experimentações poéticas, vinculadas às diferentes disciplinas curriculares que me foram destinadas a ministrar.

Assim, o recorte se dá nas proposições desenvolvidas em três diferentes disciplinas ministradas no 1º semestre de 2017: Prática de Ensino II; Estágio Curricular Supervisionado II e Introdução à Linguagem Gráfica. Tais disciplinas, embora vinculadas a duas áreas distintas (Ensino e Poéticas Visuais) estiveram em pleno diálogo: os conteúdos e enfoques, justamente pela diferença, possibilitaram um deslocamento nos modos de pensar tanto a formação docente do ponto de vista de sua experimentação poética quanto pedagógica. Mas isso tudo, embora aos poucos já fosse intuído, só seria efetivamente compreendido e assimilado por mim ao longo das ações realizadas neste semestre letivo do curso.

A forma de contar sobre estes processos, de trazer à tona alguns saltos temporais e perceptivos é também resultante deste modo de me construir como pesquisadora e docente: atravessada por questões de diferentes ordens, selecionando fragmentos e referências que me sejam convenientes nos momentos de elaborar uma aula, de compreender as relações entre arte-pesquisa-ensino e, sobretudo, como possibilidade de viver aquilo que nos passa cotidianamente. A opção por uma escrita-ensaio advém deste modo de entender este grau de provisoriedade tão próprio à vida e que, por isso mesmo, pode ser tomado como um modo de vê-la.

A formação do professor de Artes Visuais como uma experiência-ensaio

O que implica conhecer os trânsitos, os percursos e narrativas construídas por nossos estudantes, em seus processos de formação docente?

Tal pergunta me leva primeiramente a uma ideia, capturada numa leitura de Connelly e Clandinin (1995), a respeito de que “somos seres narrativos”. Ou seja, seres que se constituem de histórias e que dão sentido à vida, na medida em que ressignificam, problematizam, retomam suas experiências, inclusive como forma de dar-lhes outros contornos, outros desfechos.

Seguindo nesta esteira de pensamento, justamente por sermos seres narrativos, nossos modos de viver e apreender o mundo tem a ver também com o ato de contá-lo, de “vê-lo” através de nossas palavras, daquilo que

conseguimos inferir sobre o visto, o sentido e aquilo que é capturado pela escuta.

Metodologicamente, os estudos sobre a Investigação Narrativa (BOLÍVAR, DOMINGO e FERNÁNDEZ, 1998) mostram o quanto os movimentos de narrar, contar-se e relatar (por meio de imagens, escritas, falas), acionam no sujeito que narra uma capacidade de situar-se, de rever-se diante dos fatos e acontecimentos selecionados em suas narrativas. Tal capacidade opera como uma espécie de tomada de consciência, possibilitando uma nova relação do sujeito narrador com os acontecimentos em questão.

A potência de olhar para os processos formativos amparada na perspectiva dos estudos narrativos, reside no desejo de “conhecer as experiências dos alunos e tomá-las como ponto de partida, de paradas, de reviravoltas” no sentido de abrir-se para “encontrar surpresas, aprender junto, deslocar-se do já visto, feito, pensado” (TOURINHO, 2009, p. 15). A Pesquisa Narrativa possibilita outros formatos para experimentarmos a formação docente em Artes Visuais, entendendo que conhecer e aprender sobre o mundo e a profissão são relacionais à vida e aos processos de explorá-la, assim como problematiza Bourriaud (2009)

Não obstante, considero que a perspectiva narrativa ajuda a mirar os processos de formação e de auto-formação, ao perceber que nossas posturas adotadas na docência derivam, em grande medida, dos referenciais que vamos escolhendo, dos acontecimentos cotidianos e dos nossos encontros: sejam eles com a arte, leituras, imagens ou com outras narrativas que se entrecruzam às nossas.

A investigação de cunho narrativo coloca o foco sobre “questões epistemológicas que possam ajudar a compreender e explicar como práticas culturais, sociais e visuais marcam a trajetória e a subjetividade dos indivíduos” (MARTINS e TOURINHO, 2009:1-2), e para tanto, acaba por se debruçar sobre como tais práticas configuram e conformam ideias e escolhas no tocante aos modos de ser na docência.

Larrosa (2004), em um texto intitulado “A operação ensaio. Sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida”, problematiza a ideia do ensaio como uma operação para pensar a vida. Pensá-la a partir do lugar da provisoriedade, desde um lugar no qual há sempre um deslocamento: deslocamento de perspectiva, ante um determinado tema sobre o qual o ensaísta se debruça a refletir e que, conforme o passar do tempo, terá se modificado tanto quanto o próprio sujeito que escreve. Deslocamento em sua capacidade de afetar e ser afetada, uma vez que somos seduzidos e atravessados por diferentes estímulos. E, dentre tantos outros, deslocamento de postura frente àquilo que vemos, uma vez que, por ser uma forma de pensamento experimental, permite-se romper com o que está dado ou tomado como verdade.

Para tanto, o ensaio poderia ser visto como um modo de relatar a experiência. Um modo experimental da vida “que não renuncia a uma constante reflexão de si mesma, a uma permanente metamorfose” (LARROSA, 2004, p.32). Essa condição ensaística encontra ressonância em um processo de formação docente em Artes Visuais que se coloca em estado de questionamento e revisão daquilo que tem como preceitos. Uma capacidade de duvidar de si, de abrir-se ao novo e de ser permeável.

É bem verdade que são necessárias algumas medidas de segurança, algumas âncoras e bússolas: uma busca por reiterarmos frente à sociedade nossa importância na formação de sujeitos pensantes e sensíveis, na possibilidade de aprendermos diferentes formas de ver e acessar o mundo, na potência de explorarmos outras lógicas de pensamento e sensação.

Contudo, amparados por nossas bússolas, ou ancorados em certos portos, nos sabemos provisórios: temos a possibilidade de deslocarmo-nos, de viajar, de sair, voltar, de explorar novas territorialidades. Esse movimento de deslocar é dialógico à operação do ensaio, que conforme Larrosa, seria uma atitude existencial. E, por assim dizer, é dialógico a uma ideia de docência nômade, que transforma e se transforma na medida em que sai de si, que se lança à experiência de (se) conhecer e se deixar refazer.

Transitar por entre arte, docência e pesquisa

Quando concluí minha pesquisa doutoral, no ano de 2015, com tese intitulada: “Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: narrativas a partir de deslocamentos territoriais” (NUNES, 2015), imersa nas relações entorno às visualidades e deslocamentos territoriais, me interessava, entre outras coisas, compreender como se davam os processos de desterritorialização nos sujeitos que se colocam em deslocamento: o que se desloca em nós, quando nos deslocamos?

Para além do que foi desenvolvido nesta investigação, me reporto a ela neste texto justamente para dizer o quanto as ressonâncias de nossas teses, de nossos interesses e temas de pesquisa, acabam por configurar nossos modos de atuar profissionalmente, de estabelecer nossos meios e procedimentos, fazendo com que nossas pesquisas se espraíem. E, talvez, o mais curioso, seja o fato de que por vezes, levamos algum tempo para nos darmos conta disso.

Atuando em disciplinas tão distintas entre si, em termos de conteúdos e enfoques, lidando com algumas adversidades, dentre elas, tentar encontrar “o meu lugar” como docente e investigadora, me perturbava o fato de transitar por áreas diferentes, bem como sobre a própria falta de entendimento dos estudantes sobre este não-lugar que eu ocupava: “a professora de poéticas”, “a professora de ensino de arte”.

Por vezes, o perpassar por entre estas disciplinas, me levou à ideia de habitar uma espécie de não-lugar. Talvez pela própria estrutura com que, cada vez mais, se definem os espaços acadêmicos: separados em departamentos, especialidades, linhas de ensino e pesquisa, confirmando assim uma necessidade de filiação ou pertencimento a algo fixo.

Aos poucos, fui percebendo o quanto meus interesses investigativos, minhas perspectivas sobre Artes Visuais, Ensino e a formação nestas áreas estavam diretamente atravessadas por essa condição de “professora da linha de poéticas e de ensino”. O desconforto deste não-lugar, passou a ser visto como uma possibilidade ímpar, de não filiação e de uma certa liberdade. Passei a perceber neste agenciamento um modo de individuação e, desde então, vi o quanto as noções de nomadismo e desterritorialização (tão caras a mim durante o mestrado e o doutoramento), efetivamente operam nos modos com que atuo profissionalmente e, inevitavelmente, reverberam na vida.

Deste movimento de assumir-se em trânsito, passei a enxergar uma potência nômade, capaz de promover alguns deslocamentos, tanto nos modos de produzir minhas aulas, de criar a partir de diferentes referenciais, como também de jogar com a lógica daquilo que chamam de “disciplina teórica”, “disciplina prática”, propondo outros caminhos para aprendermos.

Caminhos para aprender desde si

Comumente surpreendida pelos alunos (tanto calouros, quanto os que estão mais ao final do curso) a respeito do permanente estado de dúvida sobre a escolha profissional, vi na Abordagem de Investigação Narrativa uma possibilidade interessante de tentarmos recorrer nos entres daquilo que, outrora, tenha servido como fator de afetivação.

Através do escopo teórico da Investigação Narrativa e suas premissas (tratadas nas seções iniciais deste texto) me pareceu possível extrair matérias sobre aquilo que havia de importante para os estudantes em meio a seus processos de tornarem-se artistas e/ou professores. Cada um foi convidado a olhar para si, redescobindo suas referências, gostos, influências, configurando modos muito próprios de viver esta etapa formativa.

Neste processo de lançar convites, tal e como nos fala Gallo (2008), entendi que trazer à tona também parte daquilo que me impulsiona na docência em Artes Visuais poderia servir como potência aos meus alunos, operando de modo evocativo (ou não) com suas próprias narrativas. Assim, busquei realizar o mesmo exercício lançado a eles, comigo mesma: Refletir sobre aquilo que estava, de alguma maneira, me atravessando, arrebatando de modo a me fazer olhar de modo diferente para “as coisas de sempre”.

Refletir e olhar para aquilo tudo que me leva à docência em artes visuais, que me ajuda a experienciá-la.

Foi então que juntei algumas peças: literatura + cinema + artes visuais + viagens + uma série de encontros e combinações a partir disso tudo. Lancei em diferentes ocasiões estes dispositivos aos meus estudantes: fragmentos literários de Orhan Pamuk (“A mala de meu pai” e “Istambul”); Beckett (“Últimos trabalhos de Samuel Beckett”); Amós Oz (“O mesmo mar”); o documentário “As Praias de Agnés” (Agnés Vardá, 2008); os filmes “Tudo sobre minha mãe” (Pedro Almodóvar, 1999); “Medianeras” (Gustavo Taretto, 2011); “A Grande Beleza” (Paolo Sorrentino, 2013); as produções artísticas “Zapatos Magnéticos” (Francis Alÿs, 1994); “O Hotel” (Sophie Calle, 1981) e a instalação “Bang” (Ai Wei Wei); etc.

Em certas vezes um mesmo dispositivo era lançado ao grupo todo, noutras, eram lançados diferentes dispositivos de forma aleatória, para que cada um pudesse estabelecer uma conversa particular, produzindo outros sentidos.

No decorrer do semestre os estudantes foram incorporando a esta trama suas próprias referências, posicionando-se de modo dissonante a algumas das referências lançadas por mim, inclusive no tocante aos referenciais teóricos. Em muitos momentos, os mesmos estudantes que manifestaram-se desejantes de novas formas de “se ter uma aula”, isto é, cansados dos modelos expositivos ou das dinâmicas de seminários, foram também, em grande medida, os mesmos que demonstraram desconforto e desconfiança frente às novas proposições e abordagens incorporadas por mim. Algo que tem a ver com o próprio fluxo de desterritorialização, com o momento em que somos forçados a pensar diferentemente daquilo que pensávamos para que algo novo nos aconteça. Por isso o mal-estar e, por isso também a opção por provocar um pensamento sobre a formação docente a partir de um movimento cartográfico, tomando os diferentes lugares de fala de cada estudante como caminhos para forjar uma docência em artes visuais.

Cada cartografia produzida serviu como uma possibilidade de produzirmos outras narrativas para a formação de professores/artistas. Entendidas não como algo isolado, individual, mas partilhado, dialogal e capaz de produzir ressonâncias entre os colegas, demais professores, pessoas de nossos convívios. Trazer aquilo que nos parece particular, mas que, quando colocado em perspectiva, encontra ecos, produz ruídos.

As noções de territorialidade relacional (BOURRIAUD, 2009; 2011), agenciamento (DELEUZE e GUATTARI, 1995) e nomadismo (DELEUZE e GUATTARI, 1995; BRAIDOTTI, 2002) funcionam não só como horizontes teóricos/conceituais, mas como possibilidades de praticar e construir um espaço de formação que seja permeável, isto

é, que permita a aprendizagem de conteúdos específicos do campo das artes em pleno diálogo com aquilo que é aprendido e vivido em outros âmbitos, incluindo-se aí desde as questões de ordem privada quanto daquilo que os estudantes vivenciam nas diferentes disciplinas curriculares.

Ao final de um semestre muitas foram as tentativas de fazermos diferentemente. Um tanto delas, devo confessar, mal sucedidas, incômodas, desajeitadas. Mas que não podem ser ignoradas, uma vez que se tornaram partes do próprio modo de fazer/conhecer/aprender sobre arte, sobre a docência em artes e, sobretudo, sobre cada um de nós em relação a tudo isso. Operamos segundo o poema de Beckett, que diz: “Tudo desde sempre. Nunca outra coisa. Nunca ter tentado. Nunca ter falhado. Não importa. Tentar outra vez. Falhar outra vez. Falhar melhor.” A docência, me parece, cada vez mais trata-se disso, falhar uma, outra e outra vez; falhar melhor a cada tentativa. Podendo também ser entendida conforme a operação ensaio, de Larrosa.

De uma aposta em uma docência nômade

Assumir um processo formativo que se configure como espaço para nomadismos tem me permitido problematizar os territórios da formação docente e do Ensino de Artes Visuais a partir da aposta em um diálogo entre aquilo que advém destes campos de conhecimento (da Arte e da Educação), articulados àquilo que se encontra a partir dos deslocamentos por outros territórios e pelas derivas nos terrenos que não têm conexão direta com os saberes disciplinares ou mesmo com nossa área de atuação. Pensando o discente como indivíduo que carrega e produz suas narrativas, articula-se a este modo de conceber a formação de professores de Artes Visuais, uma potência nômade (BRAIDOTTI, 2002), ou seja, uma capacidade de abrir-se à experiencição de diferentes territorialidades, de lançar seu olhar e posicionar-se diante de questões que lhes sejam caras e que afetem diretamente seus modos de ver o mundo e a profissão.

Esta escrita/pesquisa, ao ser desenvolvida junto aos estudantes do curso de Licenciatura, pretende seguir levando em conta o que diz Hernández (2007, p. 15), a respeito da necessidade de criarmos novas narrativas para a Ensino das Artes Visuais, no sentido que:

Todas as concepções e práticas pedagógicas podem e devem ser questionadas. (...) não há nada que “deva ser assim que não possa ser de outra maneira”. Ao contrário, tudo tem um sentido do qual se pode depreender a origem e a finalidade. A partir daí é que surge a necessidade de colocar em questionamento as práticas de naturalização que hoje circulam e se mantêm como dogmas na educação (...) o que já existe pode ser revisado e substituído

quando mudam as necessidades e os propósitos da educação.

Ante a possibilidade de propor uma nova narrativa para o Ensino das Artes Visuais, nesta pesquisa empreendida, fez-se pertinente conhecer quais são as territorialidades dos estudantes/futuros docentes, bem como poder experienciar a partilha de seus percursos, por meio das narrativas que se vão construindo a partir destes trânsitos.

Sendo assim, temos este docente nômade que se desloca por territorialidades que podem ser desde um espaço vivido até

o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 323).

A escolha de pensar e experienciar a docência como nomadismo nos impele o compromisso de “aprender a habitar melhor o mundo, em vez de tentar construí-lo a partir de uma ideia preconcebida” (BOURRIAUD, 2009, p.18) e, neste caso, redesenhamos nossas próprias convicções sobre aquilo que se deve aprender e como deve ser o professor de Artes Visuais, habitando esta territorialidade.

Referências:

BECKETT, Samuel. Últimos trabalhos de Samuel Beckett. Assírio & Alvim, 1996.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. La investigación biográfico-narrativa en educación. Guía para indagar en el campo. Granada: Force, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Coleção Todas as Artes.

BOURRIAUD, Nicolas. Radicante: por uma estética da globalização. Tradução Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção Todas as Artes)

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. Labrys, estudos feministas. Número 1-2, julho/dezembro 2002.

CONNELLY, Michael y CLANDININ, Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa”. In LARROSA, J. Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona, Laertes, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO: DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS, 2., 2008, Niterói.

Anais... Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: Transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LARROSA, Jorge. A OPERAÇÃO ENSAIO: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Revista Educação e Realidade, jan-jun-2004.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações. In: Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura -CEAC. Santa Maria: 2009. pp. 1-12.

NUNES, Aline. Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: narrativas sobre deslocamentos territoriais. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV-UFG). Universidade Federal de Goiás, 2015.